

HANNAH ARENDT E A CRISE NA EDUCAÇÃO

Izaquiel Arruda Siqueira

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – izarisq@gmail.com

Resumo: Hannah Arendt refletiu sobre a educação afirmando que ela é um processo na vida humana que não está isenta dos acontecimentos do mundo público. Sendo acometida pela crise política que assolou a civilização ocidental na modernidade, a educação passou por vários processos de mudanças de teorias e práticas pedagógicas. Deste modo, a corrente pedagógica progressista que se espalhou pelos EUA nas décadas de 50 e 60 potencializou essa crise na educação quando colocou a criança no centro do processo educativo e incentivou a criação do próprio mundo da criança. Isso, portanto, preocupou a filósofa alemã que não hesitou em refletir sobre esse fenômeno. Essa crise que afetou não só o espaço político, mas o pré-político, família e escola, dispensou o legado da tradição e fez estremecer o conceito de autoridade, colocando em cheque o papel dos pais e dos professores na vida das crianças. A educação deve ter, portanto, a função de inserir as crianças, que são a promessa do novo, no mundo dos adultos que é um mundo pré-estabelecido.

Palavras-chaves: educação, filosofia, teorias pedagógicas, autoridade, natalidade.

HANNAH ARENDT E A CRISE NA EDUCAÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Desde a Grécia Antiga, a formação educacional dos cidadãos gregos foi refletida pelos filósofos. Sócrates, por exemplo, conduzia os jovens a um processo denominado maiêutica. Platão, em a República, além de esboçar uma teoria política, pensou, também, o processo pedagógico grego. Assim, este interesse pela pedagogia perpassou de século em século com outras reflexões filosóficas e chegou aos dias de hoje, amparado pelas teorias pedagógicas. Sabemos que a educação é o caminho de emancipação da vida humana. Sem ela, os sujeitos perecerão diante de um mundo que exige uma compreensão e, no mesmo movimento, uma ação. Não se educa apenas para a compreensão, nem muito menos, somente para ação, mas devem caminhar juntas.

Após a II Guerra Mundial, o mundo vive um dilema que é a ruptura da tradição. Esta tradição era o sustentáculo de uma vida pautada no reconhecimento do legado do passado. Sendo quebrada, instala-se uma crise mundial. Esta crise é, sobretudo, política, visto que atinge não somente a vida privada, mas a vida pública, ou seja, as instituições. É uma época sombria onde o homem se viu, fortemente, diante de um mundo sem sentido. Hannah Arendt, filósofa política, também refletiu, com muita lucidez, sobre a educação como um espaço da vida humana que foi atingido por esta crise que se instalou no século XX. Este século será chamado por ela de modernidade. Assim, queremos nesse presente artigo, refletir sobre os impactos dessa crise política na educação, conscientes de que esta reflexão não abre margem para o esgotamento da abordagem de Hannah Arendt, mas, abre caminhos para novas reflexões.

1. HANNAH ARENDT: UMA JUDIA ERRANTE

Antes de conhecer a reflexão arendtiana a respeito da educação, é necessário que conheçamos um pouco de sua biografia, pois as ideias de Hannah Arendt formam um único corpo com os acontecimentos de sua vida, que tiveram impacto não somente para ela, mas para todo o mundo ocidental: estamos falando do nazismo alemão que assolou a vida de milhões de judeus, além de religiosos, intelectuais, ciganos, homossexuais etc.

Arendt, filha do século XX, nasceu em Hanôver, na Alemanha. De família judia assimilada, recebeu sólida educação acadêmica e pouca educação religiosa ortodoxa. Sua envergadura para a filosofia era perceptível na escola e foi na universidade onde conheceu Martín Heidegger, se tornando sua aluna. Além disso, manteve um conflituoso caso amoroso com o filósofo. Este, pediu para que Karl Jaspers, o filósofo personalista a orientasse em sua tese de doutoramento, intitulada “O Conceito de Amor em Santo Agostinho”, aos 21 anos de idade. Arendt tinha um certo fascínio pela teologia, inclusive frequentando seminários do teólogo do Novo Testamento Rudolf Bultmann. No entanto, após a chegada de Hitler ao poder, como ela mesma disse, “foi como se o abismo se tivesse aberto”¹.

Tendo começado sua produção acadêmica com e na filosofia, sua maturidade filosófica e a experiência com o nazismo alemão a fez singrar para os mares da filosofia política. Fugiu duas vezes da Alemanha nazista. A primeira fuga a levou para Paris, onde teve contato com outros pensadores, como Walter Benjamin, Bertold Brecht, Jean-Paul Sartre. E foi lá onde conheceu seu esposo, Heinrich Blüchner, com quem viveu um casamento que durou mais de trinta anos e só chegou ao fim com a morte dele em 1970. Em 1941, em meio à uma confusão no campo de concentração, Arendt conseguiu fugir, novamente, da Alemanha, atravessando a Espanha e chegando à Lisboa, de onde seguiu para o Estados Unidos da América que, em 1951 lhe concederia a tutela de cidadã norte-americana. Faleceu em 1975, deixando sua obra *A Vida do Espírito* incompleta e um legado para a ciência política e a filosofia. Hannah Arendt nunca se denominou filósofa, mas sim, cientista política, pois dizia que seu pensamento se tratava mais de uma teoria política de que uma filosofia política.

2. REFLEXÕES SOBRE A CRISE NA EDUCAÇÃO NO MUNDO MODERNO

Em nossos dias, a educação é uma das temáticas mais discutidas seja na literatura especializada onde notadamente verificamos um número cada vez maior de publicações de livros, revistas e ensaios seja cotidianamente, no campo social e filosófico. Os novos desafios levam o homem de hoje a se perguntar, em caráter de urgência, sobre o sentido de sua existência tanto no âmbito individual quanto no comunitário. Podemos dizer que vivemos uma crise pluridimensional: a educação afetada pelos dilemas sociais, a ameaça de novas

¹ YOUNG-BRUEHL, E.. *Hannah Arendt: por amor ao mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. p. 181.

guerras, o terrorismo islâmico, a degradação ecológica, o desgaste dos preceitos essenciais da vida política, o problema da fome e da miséria no mundo, o racismo, a intolerância em suas múltiplas facetas, a atuação da engenharia genética na natureza, inclusive na vida humana, apontam a emergência de pensar filosoficamente os fundamentos das ações do homem e seus desdobramentos. Assim, a educação não pode ficar de fora desse rigoroso pensar.

Hannah Arendt, observando o contexto educacional dos Estados Unidos da América nas décadas de 1950 e 1960, dentre brilhantes obras, escreveu o texto *A Crise na Educação*. Este artigo retrata uma época na qual novas teorias e práticas pedagógicas eram difundidas nos EUA influenciando outros países, inclusive o Brasil. Embora estivesse refletindo sobre o fenômeno educacional na América (é assim que se refere aos EUA), Hannah Arendt (2013) diz que há uma tentação para tratar desse problema como uma situação local, específica, confinada às fronteiras. No entanto, a influência dessa situação chega a outros países, como disse ela: “pode-se admitir como uma regra geral neste século que qualquer coisa que seja possível em um país pode, em futuro previsível, ser igualmente possível em praticamente qualquer outro país”².

Podemos dizer que as teorias pedagógicas que se expandiram nas décadas de 50 e 60 e que foram duramente criticadas por Arendt, são classificadas como as teorias progressistas, que teve como um de seus representantes e expoente máximo, John Dewey, além de seus discípulos Charles Sanders Peirce e William James. Estas teorias trazem como foco central o educando, conferindo-lhe autonomia no processo do aprendizado e buscando tornar o espaço escolar um ambiente onde a relação professor-aluno seja mediada pela ideia de igualdade. Deste modo, o professor não é aquele que exerce uma autoridade no agir pedagógico, mas apenas, um mediador entre o aluno e o conhecimento.

Chama-nos a atenção, neste texto, a ocorrência de Hannah Arendt afirmar que “a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo”³. Este é um conceito muito caro à filósofa, pois, para ela, o fato de nascer no mundo implica um novo início, a nova vida que vem ao mundo velho e traz a possibilidade de compreender esse mundo e modificá-lo; é a promessa da natalidade de fazer ressurgir a novidade no mundo, que também vai chamar de “milagre” (ARENDR, 2014)⁴. Este conceito de natalidade arendtiano sempre estará ligado ao passado, que aponta para o futuro no espaço do tempo denominado presente, instaurando a possibilidade de ação, pois que, “o novo começo inerente ao

² ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 222

³ Ibid., p. 223

⁴ Id. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 221.

nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir.”⁵ A educação tem, intrinsecamente, a função de inserir as crianças, que são a promessa do novo, no mundo dos adultos que é um mundo pré-estabelecido.

O mundo onde a criança chega e do qual fala Arendt, é o mundo onde estão contidas as experiências humanas, os artefatos, o trabalho como forma de construção deste mesmo espaço. Assim, efetivando a reflexão a respeito do mundo, Duarte e César (2010) explicam a ideia de mundo em Arendt:

Para Arendt (1995), o mundo é uma construção propriamente humana, constituído por um conjunto de artefatos e de instituições duráveis, destinados a permitir que os homens estejam continuamente relacionados entre si, sem que deixem de estar simultaneamente separados. O mundo não se confunde com a terra onde eles se movem ou com a natureza de onde extraem a matéria com que fabricam seus artefatos, mas diz respeito às múltiplas barreiras artificiais, institucionais, culturais, que os humanos interpõem entre eles e entre si e a própria natureza. No pensamento de Arendt (1995), o mundo refere-se também àqueles assuntos que estão entre os homens, isto é, que lhes interessam quando entram em relações políticas uns com os outros. Neste sentido mais restrito, o mundo também designa o conjunto de instituições e leis que lhes é comum e aparece a todos. Trata-se daquele espaço institucional que deve sobreviver ao ciclo natural da vida e da morte das gerações a fim de que se garanta alguma estabilidade a uma vida que se encontra em constante transformação, num ciclo sem começo nem fim no qual se englobam o viver e o morrer sucessivos.⁶

O mundo entendido dessa maneira faz a filósofa afirmar que os homens têm uma relação privilegiada e a educação a delicada tarefa de inserir os novos nesse mundo que lhes antecede e que deve perdurar mesmo após a sua morte (CÉSAR e DUARTE, 2010). Os humanos, portanto, têm uma relação de destaque diante disso:

Se a criança não fosse um recém-chegado nesse mundo humano, porém simplesmente uma criatura viva ainda não concluída, a educação seria apenas uma função da vida e não teria que consistir em nada além da preocupação para com a preservação da vida e do treinamento e na prática do viver que todos os animais assumem em relação a seus filhos.⁷

A relação com o mundo e com a educação nunca estará pronta, devendo ser cultivada, tecida. O homem, como ser inacabado, sempre estará vulnerável à essa sua característica de

⁵ Ibid., p. 10.

⁶ CÉSAR, M. R. e DUARTE, A.. Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.36, n.3, p. 823-837, set./dez. 2010. p. 825.

⁷ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Op. cit. p. 235.

incompletude. Do mesmo modo a educação precisa estar se resignificando sempre, visto que, na medida em que o mundo avança com novas práticas e discussões, também ela possa garantir uma autorreflexão sobre sua missão e prática. É importante lembrar que Arendt, ao refletir sobre a educação, não está tão preocupada com questões da didática, afirmando não ser uma professora profissional, mas alguém inserido na crise que aflige o mundo moderno. Sua preocupação estava além desse âmbito didático: era a criança e o mundo comum que, após o evento da II Guerra Mundial, viu o rompimento da tradição e o conceito de autoridade estremecido. Contudo, esta crise política que assola este mundo não é simplista, mas sustentada por um tripé: a crise do mundo público, da tradição e autoridade. Esta última é fundamental para se ter uma educação pautada na influência que o adulto, neste caso, os pais e professores, devem exercer sobre a criança.

No livro *Entre o Passado e Futuro* (2013), o ensaio *Sobre a Autoridade* parece ser um complemento do ensaio sobre *A Crise na Educação*, já que, segundo Arendt (2013) a educação deve ser assegurada sempre pela autoridade, que é condição essencial para o processo de iniciação do novo no velho, da criança no mundo dos adultos. É importante lembrar que, na discussão arendtiana, a autoridade nunca deve ser confundida com a tirania, da qual mina a ação política. Entretanto, mesmo a escola sendo um espaço pré-político e neutro, não deixou de ser afetado pela crise:

O sintoma mais significativo da crise, a indicar sua profundidade e seriedade, é ter ela se espalhado em área pré-políticas tais como a criação dos filhos e a educação, onde a autoridade no sentido mais lato sempre fora aceita como uma necessidade natural, requerida obviamente tanto por necessidades naturais, o desamparo da criança, como por necessidade política, a continuidade de uma civilização estabelecida que somente pode ser garantida se os que são recém-chegados por nascimento forem guiados através de um mundo preestabelecido no qual nasceram como estrangeiros.⁸

A autoridade é colocada por Arendt como natural no processo de formação da criança. Porém, a crise que, antes de tudo, é política, também afrouxa não somente a tradição, mas, outros aspectos importantes, como é o caso do mundo público. A crise na educação, relatada pela filósofa, não era uma crise “da” educação, mas sim uma crise mundial que atingiu tanto o espaço público (político), como procurou se instalar no espaço privado (pré-político), sacudindo a relação dos sujeitos uns para com os outros. Deste modo, qual o caminho que a educação deveria percorrer em meio à essa crise mundial? Seria a educação o caminho de redenção dos males do mundo dos homens? A educação precisaria de uma resignificação a

⁸ Ibid., p. 128.

partir de uma nova visita ao conceito de autoridade? São perguntas fáceis, mas que exigem respostas complexas.

Hannah Arendt questiona o fato de haver na escola uma relação professor-aluno mediada pela igualdade, demonstrando que isso não seria interessante num contexto onde o educador deve ser aquele que é responsável, juntamente com a família, na iniciação da criança no mundo público. Deste modo, ela trata a escola e a família como espaço apolítico e neutro, um lugar de postos desiguais, pois a relação de iguais só é aceitável e louvável no espaço público onde existe a política. No domínio público, os cidadãos falam e tomam decisões a partir dessa relação política; na escola, a criança não tem condições de tomar as próprias decisões, pois a formação de seu caráter ficaria comprometida. É a partir desses pressupostos que ela deixa claro que:

Cumpre divorciamos decisivamente o âmbito da educação dos demais, e acima de tudo do âmbito da vida pública e política, para aplicar exclusivamente a ele um conceito de autoridade e uma atitude face ao passado que lhe são apropriados mas não possuem validade geral, não devendo reclamar uma aplicação generalizada do mundo dos adultos.⁹

A educação é um processo que deve acontecer, fortemente, durante a juventude. Esta é a época onde a pessoa está mais vulnerável ao modelamento e formação da personalidade, segundo a psicologia moderna. O processo educacional não acontece entre os adultos, pois estes já estão com um pensamento formado e fundamentado naquilo que lhe fora ensinado durante seus tempos juvenis. Assim, então, supõe-se que o adulto está preparado para a ação política no mundo público, pois tendo salvaguardo seu espaço privado, compreende que esta mesma ação se faz por amor ao mundo. As crianças não têm condições psicológicas de conduzir as ações políticas, por isso que a educação deve ser um espaço de neutralidade, para que não se suceda que, ao invés de acontecer o processo emancipatório que se efetiva pela educação, acontecer, portanto uma espécie de doutrinação, “adestramento”, fazendo com que natalidade não gere seus frutos.

A educação não pode desempenhar papel nenhum na política, pois na política lidamos com aqueles que já estão educados. Quem quer que queira educar adultos na realidade pretende agir como guardião e impedi-los de atividade política. Como não se pode educar adultos, a palavra “educação” soa mal em política; o que há é um simulacro de educação, enquanto o objetivo real é a coerção sem o uso da força. Quem desejar seriamente criar uma nova ordem política mediante a educação, isto é, nem através da força e coerção, nem através da persuasão, se verá obrigado à pavorosa conclusão

⁹ Ibid., p. 246.

platônica: o banimento de todas as pessoas mais velhas do Estado a ser fundado.¹⁰

Como já fora dito acima, a relação entre iguais se dá somente com os adultos e não com as crianças. Inclusive, um próprio grupo de crianças não pode se relacionar na condição de igualdade, sendo necessária a inserção de adultos em suas vidas. Esta reflexão sobre a autoridade supõe que a família e a escola devem ser o espaço onde subsiste a hierarquia, a relação desigual, a obediência (que, como já fora dito acima, não deve ser confundida com tirania, repressão, terror, etc.) e também um espaço de conservação. Arendt assume, portanto, a condição de visionária, percebendo, desde já, as consequências geradas pela falta de autoridade e pela ruptura da tradição na educação do mundo moderno.

Exatamente em benefício daquilo que é novo e revolucionário em cada criança é que a educação precisa ser conservadora; ela deve preservar essa novidade e introduzi-la como algo novo em um mundo velho, que, por mais revolucionário que possa ser em suas ações, é sempre, do ponto de vista da geração seguinte, obsoleto e rente à destruição.¹¹

Arendt lamenta o fato de a tradição não ser mais vivenciada na vida humana como aquele caminho que direciona a ação e o discurso dos cidadãos a partir de uma lógica que considera os princípios, os valores, as reflexões dos antepassados, daqueles que nos precederam. Tudo isso fica sepultado junto a eles e passamos a viver e educar as crianças esquecendo-se deste legado. Esta sua pertinência não pode ser entendida como tradicionalismo, saudosismo ou algo mais, mas como meio de conservar o passado histórico da própria condição humana e buscar caminhos para responder a crise. No entanto, uma volta à tradição não pode ser, nunca, uma mera repetição, mas um caminho para uma ressignificação da própria tradição. A ação dos novos, por mais revolucionária que seja, não deve esquecer-se do passado, daquilo que fora construídos pelos antigos.

Outro ponto onde Hannah Arendt faz uma crítica é o despreparo do professor diante do conhecimento que deve ser transmitido e construído com o aluno. Ela reflete o agir pedagógico como mera transmissão de conteúdos elaborados apenas para a prática, como resposta ao contexto pragmático da época que almeja, sobretudo, o fazer em detrimento do conhecer. Para ela, o conhecimento não deve adentrar essa lógica, mas antes de tudo, ser direcionado para a compreensão do mundo, pois só se transforma aquilo que se compreende.

¹⁰ Ibid., p. 225.

¹¹ Ibid., p. 243.

A educação, contudo, ao contrário da aprendizagem deve ter um final previsível. Em nossa civilização esse final coincide provavelmente com o diploma colegial, não com a conclusão do curso secundário, pois o treinamento profissional nas universidades ou cursos técnicos, embora sempre tenha algo a ver com a educação, é, não obstante, em si mesmo uma espécie de especialização. Ele não visa mais a introduzir o jovem no mundo como um todo, mas sim em um segmento limitado e particular dele. Não se pode educar sem ao mesmo tempo ensinar; uma educação sem aprendizagem é vazia e portanto degenera, com muita facilidade, em retórica moral e emocional. É muito fácil, porém, ensinar sem educar, e pode-se aprender o dia todo sem por isso ser educado.¹²

Essa reflexão sobre o pragmatismo na educação, nos interpela a respeito de deixar a lógica do fazer pela do compreender, que conduz à ação. Essa ação, portanto, se dá pelo amor ao mundo, que é uma atitude inerente ao agir pedagógico do professor como dos outros responsáveis pelas crianças. Além disso, Arendt ainda adverte que, quem não estiver imbuído desta preocupação pelas crianças e pelo mundo, no amor, não deve cuidar de criança, pois o *amor-mundi* é uma marca indelével da condição de cidadão.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tão pouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.¹³

Hannah Arendt encerra assim seu texto deixando claro que o amor ao mundo é que faz o homem ser um cidadão. Não se educa sem estar comprometido com a vida; não se educa para autoajuda ou para instruir na arte de viver bem. Educa-se para continuar sustentando a vida humana, consciente de que a história se faz a partir de nossa ação política. A escola tem, portanto, essa função: formar cidadãos para agir no mundo político, buscando a ordem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hannah Arendt desperta em todo aquele que se debruça sobre seus escritos um fascínio. Sua lucidez perante a crise do seu tempo, sua abertura diante do conhecimento, sua pertinência em não deixar que os fatos passem a ser explicados pela lógica do senso comum

¹² Ibid., p. 246.

¹³ Ibid., p. 247.

renderam-lhe em vida alguns prêmios e, mesmo após sua partida, o reconhecimento. Filósofa dos tempos sombrios, foi capaz de deixar seu texto tão claro ao ponto de poder receber as ressignificações e não perder sua utilidade. Mesmo não querendo ser chamada de filósofa, não resta dúvida que sua teoria política suscita a reflexão das bases mais elementares da vida, como a educação.

O texto *A Crise na Educação* deixa claro como a crise que o mundo moderno viveu afetou os espaços pré-políticos. Daí entanto que a preocupação de Arendt escapava às suas questões existenciais e políticas, mas alcançava vários patamares da vida humana, como o direito e a educação. E essa contribuição ainda continua vigente para repensarmos não só a educação da modernidade, mas da contemporaneidade, para, dessa forma, reconduzir, através da reflexão, discurso e ação (ARENDR, 2013) à pedagogia, que é afetada pela crise que deixou de ser *una* para ser *múltipla*. Vivemos não somente uma época de mudanças, mas uma mudança de época numa sociedade multifacetada.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A.. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

ARENDR, H.. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2013

CÉSAR, M. R.; DUARTE, A.. Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v.36, n.3, p. 823-837, set./dez. 2010.

DUARTE, A.. *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LUCKESI, C. C.. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAES, E. J.; BIGNOTO, N. (orgs). *Hannah Arendt: diálogo, reflexões e memórias*. Belo Horizonte: Ed. UFMH, 2001.

YOUNG-BRUEHL, E.. *Hannah Arendt: por amor ao mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.